

Édipo: Um Menor Abandonado

Ao nascedouro do texto de Sófocles, temos a situação dos maus tratos a que foi submetido Édipo enquanto bebê. Atravessaram-lhe uma lança nos calcanhares, amarram seus pés e abandonaram-no.

Bruno Bettelheim afirma que “Édipo agiu da maneira que agiu porque seus pais o rejeitaram completamente quando criança, e que uma criança que não fosse profundamente rejeitada por seus pais jamais agiria como Édipo. As idéias de Freud acerca da profunda repressão dos desejos edipianos e da severidade da culpa edipiana - tão importantes para se compreender o conflito que modela uma tão grande parte de nossa personalidade - não fazem sentido algum se o nosso pai tentou realmente matar-nos quando éramos crianças; por que haveríamos de sentir-nos culpados por desejar livrarmo-nos de semelhante vilão? E o desejo de amar e ser amado exclusivamente e para sempre por nossa mãe, assim como a culpa pelo desejo de possuí-la, não fazem sentido se a nossa mãe se voltou realmente contra nós quando éramos jovens. Somente o nosso amor por nossos e o nosso desejo consciente de protegê-los é que nos leva a reprimir nossos sentimentos negativos e sexuais em relação a eles. São esses sentimentos ocultos a que Freud se referiu quando falou de culpa edipiana.”¹

Em uma leitura sociológica, os países pobres do mundo deixam às ruas os seus “menores”, em uma atitude de filicida cumplicidade. Os pés não estão literalmente amarrados, mas estão presos a uma condição sem retorno: uma liberdade precoce que aprisiona em seguida, via despreparo e desamparo.

Estes, quando jovens, irão delinqüir, roubar assassinar os “pais” (os donos de poder) que os abandonaram. Vale a lembrança de um curioso arranjo semântico: um filhote de humano nascido de família classe-média ou rica, é chamado de “criança”. Se for nascido de família pobre, é “menor”. (Interessante o ato delinqüencial pré-embutido no termo, pois os critérios maioridade e menoridade são jurídicos, e isso pressupõe um “crime” antevisto. Ou seja, o “menor” ou é delinqüente ou virá a ser. Assim o preconceito forja uma verdade futura, permissiva e de perversa cumplicidade.

¹Bettelheim, Bruno. Freud e a Alma Humana. Editora Cultrix, São Paulo, 1993. Pág. 36.